



ESCOLA
SUPERIOR
DE DESIGN
UPCA

Curso de Licenciatura em Design Gráfico
UC Metodologia do Design Gráfico I
1.º Ano Pós-laboral — 2026/2027 — Semestre 1
Docente: Manuel Granja

PROJETO › **letra, texto e grafismo**
EXERCÍCIO 2 › **composição (tipo)gráfica**

APRESENTAÇÃO

O presente exercício consiste no desenvolvimento de experiências visuais, de sistematização e criatividade, focadas no estudo da forma gráfica da letra e do texto.

O seu desenvolvimento prático pretende cultivar conhecimento do desenho da letra, de famílias e suas características, promovendo a investigação prática da relação entre a capacidade expressiva da letra e do texto através da composição tipográfica.

OBJETIVOS

- Explorar a gramática do design de comunicação.
- Favorecer os fatores metodológicos e estéticos como modo de raciocínio e de estimulação do processo criativo no projeto.
- Adequar os objetivos estéticos do design às possibilidades efetivas—metodológicas, técnicas e produtivas—da produção gráfica.
- Realçar o aspeto concetual e criativo na resolução de problemas, sem esquecer os fatores de ordem formal, normativa e rigor.
- Potenciar a capacidade de argumentação e fundamentação em todas as fases do projeto.

PROPOSTA DE TRABALHO

Neste exercício procura-se entender a letra, a palavra e a frase, na sua configuração gráfica, bem como explorar a forma como os tipos podem contribuir para a criação de uma materialidade poética por meio da representação gráfica.

Trata-se de um exercício de exploração da plasticidade da tipografia em diversos níveis, com vista a enriquecer o conteúdo gráfico e tipográfico de um dos poemas integrantes do n.º 10 da 1.ª série da revista *Presença* (15 de março de 1928), estabelecendo a sua mais íntima e profunda relação com o conteúdo literário (ver páginas mais abaixo).

O aluno deverá desconstruir o poema, de modo a conseguir transmitir o conteúdo poético por meio de grafismos. Não é obrigatório utilizar o poema completo; os alunos podem optar por utilizar excertos ou apenas palavras.

Só se poderão utilizar duas famílias tipográficas e duas cores. Não é necessário respeitar o desenho do tipo, podendo os alunos intervir no mesmo para reforçar a expressividade da composição.

ENTREGA

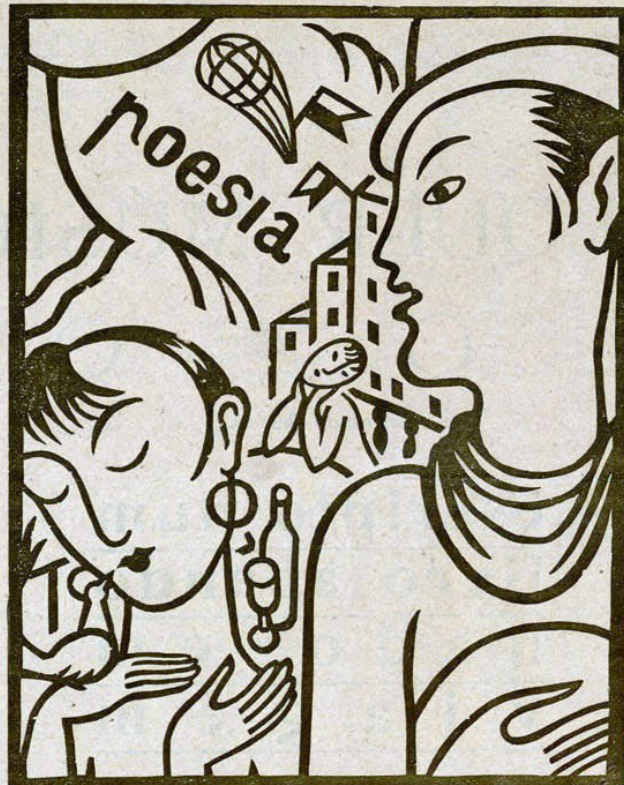
- Um cartaz físico em formato A2;
- Uma pequena memória descritiva e justificativa em documento word ou pdf pelo moodle).

presença

Fôlha de Arte e Crítica , 10
Coimbra, 15 de Março de 1928



e
n
s
a
i
o
d
e
l
i
n
o
l
e
o
g
r
a
v
u
r
a



s
ô
b
r
e
u
m
d
e
s
e
n
h
o
d
e
j
ú
l
i
o

C canção de D Declínio

U M vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto d'Astro,
E pelo espaço a Oiro se enfolou
O estandarte rial — livre, sem mastro.

F ANTÁSTICA bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Predita por ciganos numa estrada...

INÉDITO DE *Mario de Sá-Carneiro*. PARIS, JULHO, 1915.

P R E S E N Ç A

O D E O D E

O rastro breve que das hervas molles
Ergue o pé findo, o écho que ôco cõa,
A sombra que se adumbra,
O branco que a nau larga —
Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,
O ido aos indos. A lembrança esquece.
Mortos, inda morremos.
Lydia, somos só nossos.

Ricardo Reis.

J á sôbre a fronte vã se me acinzenta
O cabelo do jóven que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem jús a beijos minha bôca.
Se me ainda amas, por amor não ames:
Trahiras-me commigo.

QUALQUER MÚSICA...

Q UALQUER música, ah, qualquer,
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!

Q UALQUER música — guitarra,
Viola, harmónio, realejo...
Um canto que se desgarra...
Um sonho em que nada vejo...

Q UALQUER coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!

Fernando Pessoa.

escripto num livro abando n a d o e m v i a g e m

V ENHO dos lados de Beja.
Vou para o meio de Lisboa.
Não trago nada e não acharei nada.
Tenho o cansaço anticipado do que não
acharei,
E a saudade que sinto não é nem no passado
nem do futuro.
Deixo escripta neste livro a imagem do
meu designio morto:
Fui, como hervas, e não me arrancaram.

Alvaro de Campos.

CANÇÃO

s ô b r e u m e -
t e r n o m o t i v o

a o M A N U E L M E N D E S

SENTADO à minha varanda,
Contemplo a noite que desce
E a rosa
Que puzeste no meu peito.

E, largo tempo,
Ficando silencioso,
Oíço uma voz que me fala...

— Que voz é esta,
Tão incisiva, tão pura,
Que me pede que acredite
E tenha fé no destino?

Inclino a fronte, — medito
No altíssimo desejo
Que anda comigo
E sobe a cada momento!

Nas ramas do arvoredor,
O vento,
Passando, diz qualquer coisa...

A sombra cai,
De repente, volumosa.

Mal distingo as minhas mãos.

E ao pé de mim
Tomba o corpo
Fino e frágil dessa rosa...

L O N D R E S,
M A R Ç O 1 9 2 7

António Bosco.

ANDANTE



ALÉM, ao largo, ligeiro...
Volta o navio.

Traz muitas léguas andadas,
Traz muitas tábuas quebradas
E muitas cordas partidas.
Certo dia perdeu vidas
Além, ao largo, ligeiro...
Vida dum raio!
Oh! fumos de marinhoiro,
Hálitos rudes da onda,
Baloíço de Portugal!
Meu santo!
E' ele, o rávio
Além, ao largo, ligeiro...

Eu digo
Não sei porquê
Que se parece comigo:
Noto-lhe as velas doiradas
Já no fio...
E rio...
Pois já se vê.
No entanto,
Volta e não volta
Baloíça o navio...
Além, ao largo, ligeiro...

1 9 2 7

Gil Vaz.



DESCON CERTANTE

Há frescura nos contos infantis,
Há perfumes no ar, rosas primaveris
Nos jardins.
Mas, na Rua, há arcos de palhaça
Por onde passam galgos, — belos cães do pólo;
O amor e a desgraça,
Mãos pedintes, as mães, com filhinhos ao colo!

Mas, como bola dentro de assobio,
Ou prêso na amurada dum navio,
Há olhos na cadeia — olhando às grades!

— Por que deixáram livre o manequim
E me prendêram a mim?

Cá fora, os lenços vão molhados de saudades.

BEMDITO O FRUTO

BENZA-OS Deus:
Os frutos acres, as cerejas, as laranjas,
Se ao beijo da manhã o sol descobre;
Laranjas — frutos de ouro à Apollinaire
E brincos de cerejas,
Coradas de pudôr à Antonio Nobre.

Bemdito o fruto, a mulher.

Rfonso Duarte.

FONTE-BRANCA

Fonte-Branca,
Fonte santa:
De dia chora,
A' noite canta!
De noite, de dia,
A toda a hora...
Quando do rio cresce a névoa fria,
Quando do céu em fogo vem a aurora,
A fonte canta,
A fonte chora!...

Por ela vela uma estrela
Com seu olhar deslumbrado,
Quando o luar frio desce,
Quando a seus pés adormece
Como um pagem namorado!

Quando o riso do Sol em tórno adeja,
— Tão vaga, tão perdida —
Aquela voz é uma alma
A chorar, a penar
Entre a folhagem reverdecida!
Humilima rasteja,
Como um fio de sangue que goteja,
Que cai da ferida

Por onde se esvai
A vida!

A Fonte-Branca cantava:
Para o céu, que resplandecia
De estrelas,
Do seio virgem da água
Subia um canto de amor!
Como uma aza imensa:
Suspensa,
Vibrava, pairava!
E logo descia
Entre a clara máguia do luar,
Como uma neve branca que sorria.
E tudo se calava ao derredor!

Humilde fonte esquecida,
A tua água sagrada
Sabe á luz da madrugada;
Trago-a em meus olhos perdida.

Eu sofro da tua dor,
Rio da tua alegria,
O' fonte! Fonte da Vida,
O' Fonte-Branca do Amor!

Fausto José.
(DO LIVRO NO PRELO
"FONTE-BRANCA,,)

versos de sa bôres tragado

BORBULHAS pulhas cravavam
as carnes dêste mancebo
que umas donzelas de cebo
de mui longe amamentavam.

TINHA pedaços de bôcas,
seus olhos pedaços d'olhos,
que foram bôcas e olhos
d'outros olhos, doutras bôcas!

ÁLCOOL de noite e de dia,
mulheres podres dia e noite
espadanavam açoite
n'aquela carne vasia.

CAIÁ a carne com sono
com tendência a desmanchar-se
e com tendência a sentar-se
nos degraus do abandono.

Os degraos eram d'outono
caídos, baixos, pesados,
como silêncios vasados
em grandes taças de sono!...

E se me ponho a scismar
na ventura do não-ser
meu estro vai fenecer
nos 'scombros d'Além do Ar!

... **O** fim da tarde era doce
de quebrança e de fadiga:
a boa vida inimiga
tornou-se amiga, isolou-se!

Mário Saa.

PSAUME



H, esprits aériens,
Qui au galop astral
Éternellement parcourent
L'Univers entier,
Faites que Mon âme se
lève à Dieu

En extases de puissance,
En délire profond de Grâce
Et de sombre fierté...
L'état spirituel
D'une vile dépression
Qui porte Mon âme à devenir
La propre essence de l'ennui,
Est la route ténébreuse
Qui conduit au Néant,
Le premier pas sinistre
De la mort et de Satan...
La Mort est belle
Lorsqu'Elle n'est plus
Que la déchirante exaltation de l'Être,
L'énivrement de la Puissance,
Profond,
Luxurieux,
Vertigineux,
Mais lorsque la mort surgit,
Enfoncée dans les ténèbres abstraites
Du Néant,
Toute la beauté disparaît
Et seule s'impose
En sinistre élan
L'exaltation lâche de la Faiblesse
Dans laquelle l'Être Universel
Essentiellement
Pour toujours périt...
De cette mort infernale
Sauvez Mon âme,
Oh, esprits aériens
Que Dieu conduit,
Transportez Mon être
À la débauche astrale,
Donnez-Moi enfin
La folie divine,
La luxure délirante
De tout l'Infini...
Arrachez pour toujours
De Mon existence terrestre
L'abattement lâche
Qui me transporte au Néant,
Déchirez en furie
Les misères de Mon être honteux
Pour que Je Me lève enfin,
En mystique exaltation,
Au Royaume sacré
De la Mort-Dieu...!

DÉCEMBRE
1 9 2 7

Raul Leal
(Henoch).

a dôr e o gôsto

TUDO em volta é dôr e pó,
tudo luto e tudo enfado,
tudo vestido de dô,
tudo só do mesmo lado!

MAS venha um truc doloso
um traumatismo violento
que sacuda êste tormento
em movimentos de gôso.

QUANDO a dôr em lago existe
e a nossa vida cativa
do mesmo lago persiste,
não vale a pena ser esquiva,

BASTA apenas um motivo
que movimente êsse lago
e o movimento é afago
duma dôr em que me vivo.

DUMA dôr em que me exalto
de soberba e de ternura,
onanística ventura
de pôr as chagas ao alto!

SABOREAR o que passa
na fieira dos seus dedos
é dominar os enredos
com que se faz a desgraça.

NINGUÉM fuja à sua dôr,
que é fazer-se perseguido,
que é considerar indivíduo
o que era apenas... calor!

Mário Saa.

C Ô R O NEBLINA

A ALBANO DE NORONHA

1

Sou rouxinol que se arrasta,
ferido, junto das casas...
Passo as noites a cantar
a morte das minhas azas!

QUANDO o meu canto mais sobe,
as almas cantam comigo;
quem não canta o que lhe morre!?
—cantar é um alto castigo!

(O' vozes lindas — desenhos
do que, sem arte, os tributos
sulcaram, fundo, nas coisas
que são: Divinos e Brutos!)

EM troca de luz, o Sol
bebe-nos gotas do chôro...
que por ar mais puro o Vento
leve as notas de este côro...

2

QUEM não quer morrer não sabe
que a Morte é mais preferida:
—vive-se à custa da Morte...
—morre-se à custa da Vida...

COIMBRA

Edmundo de Belfencourf.

Sabe-me a éter
O estar aqui,
D'olhos fechados
Pensando em ti.

Mas não no gôsto,
Ou no olfato:
Noutro sentido
Menos exacto...

Que vem de longe:
Talvez da infancia
De ter sentidos,
Mas a distancia.

ADAGIO CANTA BIL E

O cego deu à manivela
Da velha e triste pianola
Que era a alegria da vila:
Mas já ninguém vem à janela...
—Pois vindo davam-lhe esmola
E ocultos podem ouvi-la.

Carlos Queiroz.

ADAGIO

As folhas d'oiro, uma a uma,
Vão os plátanos despindo;
Ouço-as na álea caindo
Numa cadência de espuma...

MAIS uma, negra, se abate,
Como bacante já lassa:
Rolando quasi me bate
Num agoiro de desgraça.

DEZEMBRO abre com fome
A guêla de vasio...

Alexandre d'Aragão.

ERGUEM-SE agora ligeiras,
Lá partem, rentes do chão,
Todas juntas em fileiras,
Numa brusca emigração.

SOBRE as áleas alagadas
Parecem almas sem nome
Que leva pra além dum rio
Caronte de mãos geladas...

P R E S E N Ç A

GLAUC A

GLAUCA . . . —
... a sala do Banquete.

As paredes eram aromas
de glicínias,
magnólias,
de azálias . . .
entre tonalidades frias de camélias.

Ao sol, tímido seio de Salomé,
pandeiro de Tírio de oiro,
peixes de oiro em redomas
de scintilo cristal
eram esquirulas de oiro,
faulhas de forja,
alado bando de azas de oiro
em roquete,
para debicar argênteo pomo.

As paredes eram aromas.
Glauc . . .
... a sala do Banquete.

Nas minhas mãos tomo
as tuas que, de vago, pressenti.
— E quem és tu, conviva estranho?
Porque estou eu aqui?

— Sou o duplo de ti
e a viseira cerrada do teu elmo . . .
— Mas tu quem és que à minha mesa
bebes do meu vinho. E dentro de mim és
pesado lenho
Cuja sombra acêsa
pela noite, é um fogo de Sant'Elmo
que me persegue e cega?!
Desatino! . . .

(Silêncio . . . Parece-me ouvir o Silêncio! . . .)

— . . . Eu — sou tu, o teu duplo, o teu destino.
. . . E o silêncio emudeceu.
E à mesa do Banquete comunguei o meu destino.
Orgiaco Banquete
cujo fim desvirtuei!!!
Impossível! . . .
E quebrar tudo, tudo . . .

Agora, os peixes na redoma são um roquete
de espadas nuas;
O vinho, sangue e fel;
e os aromas já não teem aroma,
são espectros.

Como foi isto, como foi que tudo, tudo . . .
Transtornei?

LISBOA
1 9 2 7

António de Navarro.

(PARA O LIVRO POLYEDRO)

CRÂNEO SONETO

AO JOSÉ RÉGIO

Esmigalhem meu crâneo e que as legiões
passem sobre êle; e que um novo Atíla renasça
e passe também sobre êle; ou que êle seja a taça
que mitigue a sede aos que tenham sede, seja

do que fôr, e que toda a treva nêle se afunde
e o mundo, quando fôr maior, caiba também
dentro dêle, e que êle seja o mal e seja o bem
— estrutura universal onde tudo se funde.

A alma de Baudelaire, sedenta, beba por
êle absinto e a de Giles de Rai — oh! beba sangue.
Salomé, Taís, ou Safo, os filtros do amor

e da morte. Que dentro dêle o Universo é
mesquinho e Deus, meu Deus!, não tens força, és exangue
para nas mãos o teres com unção e com fé.

António de Navarro.

Tocado de Má-Hora, ao livido luar,
erro, sinistramente, porta em porta;
levo a alma nos braços, quasi morta
e não sei onde a hei de agasalhar . . .

Talvez que lá em baixo, junto ao mar,
Na ressaca das ondas e da espuma,
a possa descansar . . . E, uma a uma,
as passadas da Morte, dou, p'ra o mar! . . .

Mas as águas são torvas e espectrais,
Sinistras de insondável e maldito
— no sentido pior do que está escrito! —

E novamente vou, de porta em porta,
em tropegos passos desiguais,
levando no regaço a Alma-Morta . . .

Augusto Ferreira Gomes.

PRESENÇA

DECLIVE



OB a distância do sol,
num caminho que serpeia
com diligências de veia
pelo mundo ressequido,
eu repiso a terra mole
com passos de desistido.

Tombo regressos de fio
dum novelo emaranhado...
Mas nunca sofre desvio
no rolar d'astro apagado
a vida que se contenta
nos contrastes que aparenta.

Ao sinal que outros me dão
os meus passos movimento,
e ao pêso da multidão,
na força do mesmo vento,
lá vou eu como quem passa
sem a sombra da desgraça.

De andarem no ar, a quebrar,
os meus nervos os desfiz,
arrastei, deixei ficar...
e agora sou mais feliz:
sem alegria nem pena
de quanto a mim se condena.

Só quero acertar o passo,
andar bem certo na roda,
aproveitar o cansaço
— como a outra gente toda:
pra só deixar de dansar
quando a música parar.

Branquinho da Fonseca.

Só me aguento direito
por causa da multidão:
deixa-me um espaço tão estreito,
nem posso cair ao chão.
— Eles que sonham o gosto
de me pisarem o rosto.

Arrasto uma sombra morta,
já não espero mais nada,
senão sentar-me a uma porta
duma casa abandonada,
— se o destino fôr cumprido
como eu lhe tenho pedido.

Atrás da porta, erecto e rígido, presente,
Ele espera-me. E por isso eu me atrapalho
E vou pisar, exactamente,
A sombra d'*Ele* no soalho!

— « Senhor Papão!
(Gaguejo eu)
«Deixe-me ir dar a minha lição!
«Sou professor no liceu...»

Mas o seu hálito
Marcou-me, frio como o fio duma espada.
E eu saio pálido,
Com a garganta fechada.

Perguntam-me, lá fora: — «Estás doente?»
— «Não! (grito-lhes)... porquê?!» E falo e rio, divertindo-me.
Ora o pior é que há palavras em que eu paro, de repente
E que me doem, doem, doem, prolongando-se e ferindo-me...

Então, no ar,
Levitando-se, enorme, e subvertendo tudo,
Ele faz frio e luz como um luar...
E eu ouço-lhe o riso mudo!

— « Senhor Papão!
(Gaguejo eu) por quem é,
«Deixe-me estar aqui, nesta reunião,
«Sentadinho, a tomar o meu café!...»

OMas os mínimos gestos e palavras do meu dia
Ficaram cheios de sentido.
Ter demais que dizer — ah! que massada e que agonia!
E' natural que eu seja repellido.

Fujo. E na minha mansarda,
Eu torno: «— Senhor Papão!
«Se é o meu Anjo da Guarda,
«Guarde-me, mas de si! da vida, não.»

O seu olhar, então, fuzila como um facho.
Suas azas sem fim vibram no ar como um açoite...
E até no leito em que me eu deito o acho,
E nós lutamos toda a noite.

Até que vencido, imbele
Ante o esplendor da sua face,
Eu, de repente, beijo o chão diante d'*Ele*,
Reconhecendo o seu disfarce.

E rezo-*Lhe*: «— Meu Deus! perdão: Senhor Papão!
«Eu não sou digno desta guerra!
«Poupe-me à sua Revelação!
«Deixe-me ser cá da terra!»

Quando uma súbita miragem
Me faz vêr, (truc já velho!...)
Que estou em frente do espelho,
Ante a minha própria imagem.

José Régio.

CALENDARIZAÇÃO

Pesquisa e interpretação do poema — **12-14 outubro 2026**

Estudos de composição — **19-28 outubro 2026**

Apresentação e discussão dos exercícios concluídos — **2 novembro 2026**

AVALIAÇÃO

Esta proposta de trabalho corresponde a 15% da avaliação final da unidade curricular.

A avaliação é contínua e sistemática, de acordo com o calendarização proposta e apresentação final. Como conclusão à proposta de trabalho, o aluno deverá entregar todas os trabalhos solicitados e participar na discussão pública final do trabalho.

Itens a ser entregues: A2 impresso + memória descritiva e justificativa (este item a ser entregue no moodle)

Bom trabalho!

Manuel Granja